
DA DESCRIÇÃO À IMAGEM: PORTUGAL VISTO PELO GÉOGRAFO THOMAS JEFFERYS EM 1762

Luís Miguel Moreira - Immgeo@gmail.com ;

Geografia; construção cartográfica;

“... o invento dos Mappas fora a mais engenhosa idéa em que os homens tinhaõ dado, pois em breve espaço, e ahuma vista nos mostra todo o mundo, e por elle conhecemos o sitio, e grandeza de cada Reino, Provincia, ou Lugar.”

João Bautista de Castro, Mappa de Portugal Antigo e Moderno, Introdução, Tomo I, 1762.

No contexto da História da Cartografia europeia dos séculos XVII e XVIII, os mapas complementavam-se e completavam as descrições geográficas. Com a progressiva especialização da actividade editorial, a produção de livros e de mapas tornou-se mais autónoma, permitindo que os autores dos mapas, que também se denominavam de “geógrafos”, se dedicassem ao negócio (quase) exclusivo da cartografia impressa.

Até à primeira metade do século XVIII, estabeleceram-se importantes casas editoriais cartográficas em, Antuérpia, Amesterdão, Paris, Nuremberga e Augsburg, logo seguidas, a partir da segunda metade Setecentos, de cidades como Londres, Weimar, Viena, Veneza e, no contexto ibérico, Madrid.

Assim, a pouco e pouco, foi aumentando a importância social dos mapas e dos atlas, enquanto descrições geográficas visuais de territórios desconhecidos.

À medida que os ideais iluministas do saber enciclopédico e do conhecimento do Mundo se foram expandindo pelas sociedades europeias, o público consumidor de obras geográficas foi aumentando, particularmente em períodos de guerra onde, para além da curiosidade do público em geral, se juntava o interesse dos militares em obter uma representação dos teatros de operações.

Este cenário oferecia condições favoráveis para a (re)edição de novos mapas que renovavam e difundiam a imagem geográfica dos territórios representados, ainda que, nem sempre significassem uma verdadeira evolução relativamente às imagens anteriores pois, quase sempre, os autores limitavam-se a compilar fontes pré-existentes, fundindo-as e misturando-as, muitas vezes, sem critérios definidos.

É neste contexto que se pretende analisar o mapa de Portugal do cartógrafo inglês Thomas Jefferys, editado em Londres em 1762 em plena Guerra dos Sete Anos, no decorrer daquela

que, em Portugal, foi denominada de “Guerra Fantástica” e que opôs, uma vez mais, os dois reinos ibéricos.

A falta de bons mapas do conjunto de Portugal constituía um obstáculo para a preparação das operações militares conjuntas entre os exércitos português e britânico, pelo que se terá decidido encomendar um mapa de grandes dimensões – um mapa de gabinete - cuja escala permitisse ter um grau de pormenor suficiente para representar os principais elementos geográficos, físicos e humanos. A escala escolhida para o mapa pode ser calculada em ca. de 1: 450 000.

O Mappa ou Carta Geographica dos Reinos de Portugal e Algarve... foi gravado em várias folhas 3, 6 ou 8, dependendo das diferentes versões e que, no seu conjunto, tem uma dimensão aproximada de ca.165x88 cm.

Na parte superior esquerda o autor inscreveu um texto bilingue, em português e em inglês, intitulado “Idea Succinta Geographica e Historica de Portugal”. Este texto fornece, de forma muito resumida, uma descrição geográfica de Portugal, onde são incluídos alguns dados demográficos retirados da obra “Geografia Histórica...” de D. Luís Caetano de Lima (1736). Esta pequena descrição é complementada por uma breve História de Portugal, que privilegia os confrontos entre portugueses e espanhóis ao longo dos tempos, destacando especialmente os episódios relacionados com a Guerra da Restauração.

O autor informa os leitores quanto às opções geopolíticas tomadas pela Coroa Portuguesa naquela época: após uma aliança inicial com a França, na fase decisiva do conflito, já na década de 1660, Portugal contou com o apoio inglês que se veio a revelar fulcral para a vitória final sobre Espanha.

O mapa era, assim, utilizado como meio de propaganda política ou, pelo menos, constituía o suporte de um discurso de propaganda política, num momento em que a diplomacia franco-espanhola procurava atrair Portugal para a esfera de influência do “Pacto de Família” e este procurava argumentos para não abandonar a protecção da aliança britânica.

A iconografia da cartela reforça este discurso: ali se vê, em primeiro plano, a Lusitânia e a Bretanha abraçadas sob protecção da Liberdade, observando-se, em segundo plano, a expulsão dos jesuítas de Portugal.

No canto inferior direito, o autor juntou umas “notas” onde apresenta as fontes utilizadas na elaboração do mapa e esclarece a simbologia utilizada. Neste ponto, Jefferys indica que se socorreu dos “sette Mappas particulares das diversas Provincias de Portugal”, assim como de outros mapas de autores estrangeiros.

Outra das fontes referidas, é a lista das coordenadas geográficas de algumas vilas portuguesas, calculadas por Domenico Capassi – um dos célebres padres matemáticos contratados na década de 1720 por D. João V - e publicada na já referida “Geografia Histórica”, ainda que sem qualquer data atribuída.

Esta menção de utilização de fontes recentes e pouco utilizadas, contribuía para a credibilização da imagem cartográfica junto do público consumidor, muito especialmente das elites dirigentes sempre ávidas de mapas actualizados.

A influência do mapa de Jefferys prolongou-se muito para além do ano de 1762. Aliás, uma segunda edição foi preparada em 1790, desta feita sob a responsabilidade de William Faden, herdeiro do espólio de Jefferys e, também ele, célebre “geógrafo do Rei de Inglaterra”. Mais uma vez, deve-se ter tratado de uma encomenda a partir de Portugal.

Antes disso, vários autores consideraram-no como o melhor e o mais fidedigno exemplar cartográfico de Portugal, tendo sido utilizado como fonte principal para Tomás López, geógrafo do Rei de Espanha, compor um mapa de Portugal, em 1778, e que conheceu um amplo sucesso na Península Ibérica.

Mesmo durante o período das Invasões Francesas, foram muitos os oficiais, portugueses e estrangeiros, que se socorreram do mapa de Jefferys.

Em suma, pelas suas dimensões e características gerais, o mapa de Jefferys constitui uma obra de síntese entre as mais importantes descrições geográficas e as principais fontes cartográficas da época. Editado numa versão bilingue destinado a ser “lido”, quer pelo público britânico quer pelo público português, o mapa transformou-se em obra de referência do pensamento geográfico e cartográfico do século XVIII português, influenciando, de forma decisiva as leituras geográficas do nosso país.

A análise a este mapa constitui um exercício de desconstrução do processo de elaboração de imagens geocartográficas, desde a forma como a informação era reunida a partir de fontes textuais e cartográficas e como era lida pelo público.

Importa, ainda, referir que, mesmo sendo elaborados a partir de fontes portuguesas, desde cedo os portugueses se habituaram a “ver” a sua geografia a partir de imagens estrangeiras.